

## **Processos que tecem corpos: a relação entre corpos e casas entre os Mebêngôkre**

**Julia Sá Earp (IFCS-UFRJ, Brasil)**

juliasaearp@gmail.com

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS-UFRJ)

Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20051-070

**Fernando Betim (PUC-Rio, Brasil)**

betim@puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio)

R. Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro - RJ, 22451-900

## **Processos que tecem corpos: a relação entre corpos e casas entre os Mebêngôkre**

**Resumo:** Com o propósito de realizar um artigo investigativo sobre a casa mebêngôkre (Kayapó) este trabalho se vale da experiência de construção interétnica na aldeia Kawatum como campo que possibilita a análise comparativa das noções de casa e projeto enquanto questões que insurgem a partir da prática de construção coletiva entre arquitetos não-indígenas e Mebêngôkre. Com isso, levando a sério a impossibilidade de uma tradução, busca-se um caminho para além de uma análise pragmática sobre o *kikré* (suas casas), com a intenção de tecer os campos do design, arquitetura e antropologia, em busca de uma aproximação da ideia de projeto da casa mebêngôkre no emaranhado de seus processos e cosmovisões.

**Palavras-chave:** Kayapó, Casas, processos, projeto, corpos.

## ***Processes that weave bodies: the relationship between bodies and houses among the Mebêngôkre***

**Abstract:** In order to carry out an investigative article about the mebêngôkre (Kayapó) house, this work draws on the experience of interethnic construction in Kawatum village as a field that allows the comparative analysis of the notions of house and project. Questions that argue from the practice of collective construction among non-indigenous architects and mebêngôkres. In this way, taking the impossibility of a translation seriously, we seek a way beyond a pragmatic analysis of the *kikré* (their houses) with the intention of weaving the fields of design, architecture and anthropology, in search for an approximation of the project idea of the mebêngôkre house in the tangle of its processes and worldviews.

**Keywords:** Kayapó, Houses, processes, design, bodies.

## 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo primeiro produzir uma síntese da pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo que realizei na PUC-Rio entre 2015 e 2017, com orientação de Fernando Betim<sup>1</sup> e co-orientação de Felipe Sússekind<sup>2</sup>. Neste sentido este artigo é uma coautoria entre autora e orientador em que optamos por escolhas estéticas similares à dissertação justificando o uso da primeira pessoa do singular, a partir de minha própria narrativa, para expor a experiência interétnica de bioconstrução na aldeia *Kawatum*. Optamos, portanto, por adicionar ao texto as camadas pessoais e etnográficas valorizadas por nós enquanto instrumentos perceptivos do contexto deste trabalho.

Dito isto, a casa construída em *Kawatum*, fruto da imersão construtiva de vinte e oito dias no Território Indígena Kayapó Mekragnoti (PA), se apresenta neste trabalho enquanto um objeto de diálogo entre fazeres e saberes dos construtores locais e dos arquitetos não-indígenas envolvidos neste processo. É a partir desta casa e da experiência de construção conjunta, que os modos construtivos e visões de mundo emergem pelas contradições e ruídos na relação entre os dois grupos. Estas situações servirão como aporte em minha busca por provocar ranhuras nas visões eurocêntricas sobre o projetar e sobre a arquitetura indígena no geral e Kayapó especificamente, que escapam aos padrões hegemônicos determinados em meios científicos eurocêtricos.

Por este motivo o caminho investigativo que aqui proponho tem a intenção de se aprofundar nas relações com os processos manuais e cosmológicos próprios dos Mebêngokre, suas maneiras de viver suas moradas, de estabelecer laços, adornar seus corpos e prepará-los para um estado *mej* (belo). Um entrelaçamento de fazeres que, de maneira indireta, beira as formulações sobre o modo de construir do *bricoleur* e do *engenheiro* (LÉVI-STRAUSS, 1973) e da reflexão processual de Tim Ingold (2015; 2013; 2000) sobre o contínuo fazer em relação ao outro. Assim, o caminho comparativo entre os mundos projetuais indígenas e não-indígenas encaminha as reflexões contidas neste artigo para uma possível contribuição tanto em linhas de abordagens projetuais interétnicas (e suas possibilidades

---

<sup>1</sup> Professor do departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

<sup>2</sup> Professor do departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

de contribuição mútua), quanto ao acesso sensível à teorias do pensamento e da prática construtiva mebêngôkre.

Assim, com o objetivo de adentrar este microcosmo habitável, me proponho a realizar o exercício de costura entre questões teóricas e observações empíricas recolhidas durante o campo, ressaltando a importância de iniciar esta trilha, de subseqüentes reflexões, com uma breve explanação do universo Kayapó que ampare as propostas com o devido cuidado e respeito.

Início pela própria autodenominação deste povo: *Mebêngôkre*, traduzido como “o povo que veio do buraco d’água” (*me*: coletivizador, nós; *ngô*: água; *kre*: buraco) (VIDAL, 1977), deixando para trás a palavra “Kayapó”, de origem Tupi com sentido pejorativo. Neste mesmo movimento intencional suas casas também devem ser compreendidas como eles a chamam: *kikrés*. Volume etéreo, invisível, que abarca uma complexa teia de relações, dinâmicas e fazeres cotidianos, compreendidos como eixos centrais do sistema de parentesco mebêngôkre (LEA, 2012), pois estruturam e estabelecem acordos sociais realizando e sendo laços substanciais entre parentes.

Neste sentido as leituras da casa Kayapó investigada por Vanessa Lea (2012), Clarice Cohn (2006; 2001) e Thais Mantovanelli (2015) serão de extrema importância. Três autoras – mulheres – que adentram o universo mebêngôkre provocando a leitura do espaço da casa vinculando-a aos hábitos sociais, vislumbrando-a como parte de um todo, distantes de leituras puramente técnicas e falocêntricas, por um viés que a assume enquanto um lugar feminino e central para a preparação de seus corpos. Visões que auxiliam um caminho de análise para além do objeto arquitetônico em si, estendendo-a para seus corpos, pinturas, adornos, artefatos, pois, assim como a casa, são fabricados dentro do princípio fundamental desta sociedade: a beleza, o estado *mej*.

Segundo Clarisse Cohn (2008), a palavra *kikré* pode ser traduzida de forma direta como o buraco do fogo, referente à pequena fogueira que é mantida dentro das casas para aquecer e preparar pequenos alimentos. A casa, segundo a autora, compõe junto às roças de cada família um conjunto que é responsável pela manutenção e fabricação de *corpos belos* – *mebêngôkre mej* – em que o espaço e o alimento são compreendidos como processos complementares para o jeito mebêngôkre de ser (2008:9).

Viveiros de Castro, sobre os Yawalapiti, afirma que a casa enquanto “gabinete de reclusão” (1979:47) é local de ingestão e manipulação do corpo

nu, domínio do privado e do secreto, definindo a extensão e a relevância da morada enquanto um espaço cosmológico limitado pela sua forma. Enquanto, por outro lado, o corpo adornado – pintado e repleto de grafismos que representam *status* e comunicam o corpo preparado – pertence à esfera do pátio central, do público e da exibição. Reafirma, desta forma, o dualismo entre esfera doméstica e a esfera público-cerimonial, respectivamente periferia e centro, casas e pátio central.

Tais leituras polarizadoras ratificam um lastro masculino na etnografia das sociedades Jê<sup>3</sup>, proveniente principalmente da análise etnológica de Lévi-Strauss sobre as aldeias Bororo, em 1955. Devido às similaridades estéticas e estruturais, tais percepções foram também utilizadas como base para a reflexão sobre os Kayapó, polarizando os espaços sobre as categorias masculino e feminino. São desta forma atribuídas as atividades femininas à esfera biológica, privilegiando os laços da família nuclear (natureza), enquanto as atividades masculinas estão relacionadas aos deveres públicos e sociais (cultura), reiterando o lugar periférico das mulheres e o lugar central dos homens na aldeia.

No entanto, Vanessa Lea (1993) busca uma leitura desvinculada de visões contaminadas por nossas percepções eurocêntricas cristãs, direcionando seu foco para as relações. Nota com isso que os acontecimentos internos às casas (domésticos) estão intrinsecamente conectados aos acontecimentos do pátio, transformando a atuação “periférica” em algo fundamental para que exista uma atuação “central”, adornada e arquitetada segundo a ordem particular das casas. A partir desta observação, a autora questiona a divisão hierárquica preestabelecida entre centro e periferia, ressaltando a relevância das mulheres nesta sociedade, responsáveis na maior parte dos casos pela palavra final nas próprias decisões masculinas.

Segundo Lea, as casas são “sujeitos” que possuem e controlam os bens materiais e imateriais mais valiosos e escassos na sociedade mebêngôkre, obedecendo uma lógica complexa de “laços místicos” e “substanciais” (LEA, 1993: 275). Pois, segundo a concepção deste povo, cada aldeia concreta remete a uma aldeia ideal que possui em seu círculo o posicionamento exato de cada casa/família, obedecendo metades e porções exatas de terra. O que a leva a identificar entre os Kayapó Metuktire o significado análogo do conceito de *casa* ao conceito de “família”, a levando a

---

<sup>3</sup> Tronco linguístico do qual os Kayapó pertencem.

escrever por meio da teoria de Lévi-Strauss de “Sociedade de Casas” (1979) uma elaborada tese que relaciona os bens dessa sociedade e suas casas a um sistema de parentesco matrilinear.

Por esta lógica, o sistema de parentesco para os Mebêngôkre está relacionado ao arranjo do círculo aldeão, caracterizado pela construção em sequência de habitações pertencentes a uma só família, fazendo com que a palavra *kikré* esteja relacionada tanto a uma casa isolada quanto a um conjunto de casas (VIDAL, 1983:84). Além disso, por ser característico desta cultura um sistema de parentesco relacionado às mulheres (uxorilocal) as casas são identificadas por esta leitura como “matricasas”.

Matricasas, buraco do fogo, famílias, lugares de produção de pessoas belas. Seria irresponsável da minha parte iniciar uma reflexão situada sem antes inteirar o leitor das tantas camadas invisíveis que escapam aos nossos olhos herdeiros das tradições greco-romanas, característica que torna evidente as possibilidades de contradições em um projeto interétnico que tem como objetivo realizar em conjunto uma “casa”, espaço evidentemente imerso em cosmovisões singulares de cada território.

Sendo assim, com a proposta de resgatar a questão com que abri o texto, retornarei aos eventos empíricos da experiência de campo, aprofundando a reflexão sobre os impasses e comparações eminentes entre o ato projetual em correspondência na aldeia narrando os fatos de forma mais fluida e aproximando as reflexões teóricas de uma prática situada dentro da microescala de acontecimentos de um projeto de arquitetura em uma aldeia mebêngôkre.

Neste movimento, tentarei evidenciar a partir das práticas e das percepções os “projetos de casa” em diálogo, ressaltando que a análise comparativa entre os modos projetuais aqui proposta não deve ser compreendida como uma generalização ou redução do “arquiteto” a um modo restrito hegemônico e eurocêntrico, escapando da armadilha de enrijecer a prática da arquitetura ocidental congelando-a em um espaço e tempo, ignorando as outras perspectivas investigativas e construtivas da prática contemporânea da arquitetura. Ao mesmo tempo, no entanto, tomarei o mesmo cuidado com o processo construtivo e as casas mebêngôkre, sem as congelar nem as enrijecer em um pensamento que não seja contemporâneo a nós.

Com isso, abro espaço para uma reflexão situada, sem a ambição de concluir um argumento estático sobre o pensamento de projeto deste povo, mas, sim, construir junto a eventos pontuais observados uma linha que

possa tecer os processos com suas noções de vida e suas relações com suas casas, enxergando os projetos entrelaçados por essa experiência em *Kawatum* como uma oportunidade de análise e comparação prática sobre o pensamento e o processo construtivo de *kikrés*.

Porém, antes de iniciá-lo, é importante ressaltar que, a princípio, a passagem por *Kawatum* giraria em torno de um aprendizado sobre "construção com terra" lecionado por instrutores de bioconstrução não-indígenas, sendo o objetivo construir junto à aldeia uma "nova" casa. "Nova" tanto no sentido de recente quanto no sentido de uma nova experiência técnica para a aldeia, pois a intenção era também realizar um intercâmbio de saberes deixando como legado para os *Mebêngôkre* o conhecimento do *pau-a-pique*. No entanto, ao longo dos dias, os equívocos da proposta foram se revelando, e as questões que para nós (não-indígenas) giravam em torno de domínio técnicos e projeto, desaguavam em questões epistemológicas da casa para este povo e de suas relações intrínsecas ao ato e ao pensamento construtivo. Com isso, seguirei o campo em busca de sublinhar os momentos que dão sentido a esta percepção, pontuando alguns eventos, considerando o encontro dos distintos "*modus* projetuais" um rico acontecimento para uma reflexão sobre a existência e resistência de outros mundos.

## 2. Campo

Na chegada à aldeia, uma constelação de pequenas luzes a beira do rio esperava o nosso barco. Lanternas ansiosas que nos auxiliavam silenciosamente ao desembarcar, passando de mão em mão nossas malas, galões de água, sacos de comida e ferramentas necessárias para vinte e oito dias de um grupo de quinze jovens. Fomos guiados pela trilha curta que ligava o rio ao centro da aldeia. O breu só nos deixava ver as silhuetas de seus corpos e das tão esperadas casas. Nos alojaram em uma das maiores casas onde armamos nossas redes e acomodamos nossas bagagens. Instalados, sentamos ao redor de uma fogueira próxima a "nossa casa" momentânea. Alguns jovens sentaram conosco, calmos, quietos, observadores, interessados e levemente desconfiados, destoavam da nossa maneira barulhenta de interagir. E já nas iniciais tentativas de puxar conversas aos poucos e com sorrisos, aprendemos a primeira palavra: *mejcumrej*, que significa "oi" "tudo bem" "bom" "bonito". Uma palavra

positiva de saudação ou elogio, que é repetidamente pronunciada por todos em distintas entonações e ressonantes prolongamentos. Uma primeira noite de um longo dia de atravessamento de fronteiras visíveis e invisíveis, cruzadas por ônibus e barcos, assim como a imensidão da floresta a nos abraçar e a recepção gentil daquela aldeia. Inevitavelmente tomaram os sonhos de um corpo exausto embalado na rede.

Na manhã seguinte iniciou-se o curso e o projeto de bioconstrução, e mesmo três anos inteiros após esta estadia é doloroso organizar em palavras todos os acontecimentos em um texto e dar como finalizado este processo de comunicar e compartilhar aprendizados e reflexões. Sempre tem, e sempre terá, mais voltas a dar nestes parafusos. No entanto, como o trabalho que proponho aqui é este, tentarei deixá-lo o mais pontual possível com eventos que sirvam como matéria bruta para a localizada reflexão que sugiro. Foi na manhã seguinte que a visão da pequena aldeia em que estávamos nos tornou conscientes de um início de um longo mês. Eram oito da manhã, mas pareciam onze de um dia urbano, o movimento das mulheres para o rio e das crianças brincando delatavam um horário avançado. A reunião iniciou nesta hora, com um alto *mejcumrej* dos caciques da aldeia para a equipe não-indígena.

Dentro do *kikre* em que estávamos alojados, que originalmente era a casa do cacique, o integrante da associação Kayapó que estava acompanhando a equipe iniciou a reunião com dados e informações básicas sobre esta aldeia e sobre a cultura Kayapó. A aldeia era composta apenas por duas famílias, mas, segundo ele, Kawatum sempre teve a pretensão de ser uma grande aldeia pois seus dois fundadores, os caciques atuais, são homens reconhecidos entre o grupo *Mekragnoti*. Isto justificaria o aspecto do largo diâmetro da aldeia com espaços ainda vazios para a construção de outras habitações pertencentes a outros parentes. Além disso, algumas regras como não se banhar no rio à noite, respeitar as horas de refeição e outros detalhes que visavam a organização e a boa convivência também foram ressaltados. Ao final desta breve assembleia, todos da equipe e todos os parentes da aldeia se cumprimentaram e acompanhamos o cacique Kaywuê para a escolha do local em que iria ser construída a casa nos próximos dias.

Kaywuê é o cacique mais velho, reconhecido pela sua extrema habilidade construtiva e por sua personalidade agregadora. Não demorou muito para realizar a escolha: rapidamente demarcou um local onde tinha uma árvore queimada, atingida por um raio, entre duas outras casas. Com o auxílio de um facão realizou a marcação no chão de um lado, deu algumas



passadas com os pés distantes, e realizou uma segunda marcação do outro lado. Com um gestual como apontando para a largura da casa e a altura, comunicou a todos ali presentes a sua escolha. Seu sobrinho, o único da aldeia além do cacique mais jovem, que falava um pouco de português, avisou que a demarcação tinha sido realizada e que os homens deveriam segui-lo na manhã seguinte para coletar as madeiras necessárias para dar início à construção.

Neste momento, o arquiteto reuniu sua equipe e com papel e lápis desenhou sua proposta de projeto. Sua ideia era mesclar em uma só casa técnicas e métodos construtivos dos dois grupos, definindo a estrutura e o telhado com processos Kayapó enquanto as paredes ficariam por conta do grupo de bioconstrução. Assim, a intenção do coordenador do projeto era aplicar a técnica de pau-a-pique nas paredes ensinando para os Mebêngôkre uma materialidade com maior durabilidade. Um equívoco já anunciado, mas que naquele momento apenas despertava a minha desconfiança sem saber se por um lado isto daria certo ou, por outro, que reverberaria sutis ranços de prepotência eurocêntrica coloniais.

Com a intenção de estar atenta aos processos de construção, desde este primeiro momento comecei a notar as diferentes ferramentas utilizadas pelos dois líderes de cada grupo para iniciar a construção da casa, entendendo que Kaywuê iria guiar os processos mebêngôkre enquanto o coordenador arquiteto iria fazer o mesmo com os processos não-indígenas. Desta maneira, pude notar que enquanto as dimensões do corpo e a memória de outras casas já construídas eram suficientes para um, para o outro era fundamental a representação em escala, feita a partir de papel e lápis para comunicar uma ideia e uma criação. Em ambos os métodos construtivos as técnicas de visualidade iniciais eram fundamentais para as etapas seguintes, comunicando para os outros seus limites, e informando o que será realizado, no entanto já insinuavam as divergentes formas de envolvimento dos corpos e os atalhos cognitivos das mentes em cada um.

Corpo, memória, facção, lápis, território e representação em escala. Índices que indicam modos projetuais distintos e instigam a questão sobre o projeto, assim como concebido em uma visão ocidental, hegemônica e clássica. Mas e entre os Mebêngôkre? Existiria um sistema similar ao que nós, brancos, chamamos de "projeto"?

Enquanto no projeto de arquitetura ocidental as etapas subsequentes do desenho são definidas através de um planejamento que corresponde a um sistema cartesiano de listas, cronogramas e funções, no

caso mebêngôkre esta etapa seguinte perpassa por outras camadas: pela memória do que já foi realizado e como foi construído dentro da comunidade. Corresponde a uma atividade coletiva e a processos quase cotidianos dentro da aldeia. Fazer uma casa ou reparar os telhados são atividades inerentes ao habitar e as dinâmicas sociais mebêngôkre. A imagem do *kikré* e suas etapas se repetem a cada nova construção, os fatores de transformação da forma ou de criações e adaptações são confluentes às situações de espaço e materiais disponíveis. A fluidez deste fazer torna a ideia de projeto como nós a entendemos minimamente desconfortável para um praticante da arquitetura.

De certa forma tal diferença processual favoreceu e foi favorecida ao tomarmos como caminho a proposta do coordenador do grupo de bioconstrução, pois a partir dela nos dividimos em cada grupo logo após a etapa inicial da construção da estrutura da casa. Tal etapa, no entanto, foi realizada integralmente por todos em conjunto, em um mutirão em que homens e mulheres se separavam metodicamente para a coleta de materiais necessários para a construção deste grande esqueleto do *kikré*. Tradicionalmente, nenhuma mulher mebêngôkre participa da atividade de coleta de madeiras e embira (fibra utilizada para os nós da estrutura), pois as principais funções femininas na construção são a limpeza do local onde virá a ser construído o *kikré* e a coleta das folhas de *o-poreô* e palmeira vermelha, dando seguimento também a seus rituais cotidianos tanto preparando a alimentação de seus *kikrés* (casas/famílias) quanto realizando a manutenção das pinturas corporais e o cuidado com as crianças da aldeia. São as mulheres que cuidam dos corpos, segundo a cultura Mebêngôkré, os nutrem e os preparam (COHN, 2008:9), e, por isso, esta divisão por gênero na construção do *kikré* se estabelece organicamente por meio das relações sociais construídas por esta sociedade.

À medida em que os dias avançavam, novas etapas da construção mebêngôkre, que não estavam presentes em nenhuma indicação no desenho no chão, invariavelmente iam surgindo. Este fato não impedia que o trabalho continuasse, pois todos os Mebêngôkre sabiam exatamente o que fazer após cada etapa concluída. A sequência processual deste fazer estava em seus habitantes, como caminhos já experienciados, e com os quais se envolviam a partir de sua posição naquela sociedade – homem, mulher, criança, adulto ou mais velho. Assim, íamos realizando e vivenciando, passando pelas etapas deste processo construtivo acompanhando as atividades de todo o grupo, buscando aprender com eles a forma de fazer

suas casas e ao mesmo tempo receber as aulas de bioconstrução do instrutor. Assim seguíamos o plano da construção das paredes de pau-a-pique, segundo era nos instruído, realizando grossas paredes de barro em tramas espaçadas. Ao mesmo tempo os nós das folhas do telhado mebêngôkre eram aprendidos por nós, abrindo espaço para perceber as crianças trançando junto a Kaywuê, escutando suas palavras simultaneamente ao fazer.

Assim, a atenção se dividia traçando comparações, oposições e notando os equívocos frequentes no canteiro. Pois, assim como o modo de compreender o projeto, também o modo de liderar os processos construtivos se distinguia. No sistema projetual, que poderia ser tratado como “ocidental”, representado neste caso pelo Instituto de Bioconstrução, tínhamos um líder reiterado por experiências de formação científica e um currículo de atividades profissionais atuando como orientador de práticas construtivas. Por outro lado, no sistema “local” o cacique possuía um lugar de liderança que, para além da atividade construtiva das casas, ele era o exemplo para aquela estrutura social. Realizava as coisas de forma bela e correta, *mej̄kumrej*. Um aspecto fundamental para esta comparação, pois para esta sociedade o líder, construtor e cacique, atua como parte de um todo realizando as atividades tanto ou mais que os outros, obtendo a admiração e o respeito de sua aldeia pelo parâmetro do exemplo.

Assim, Kaywuê era uma figura fundamental para o andamento da construção: liderando o grupo em atividades, abrindo o caminho nas matas, visivelmente habilidoso não só na construção de *kikré* mas também nos demais artefatos de palha (atividades propriamente masculinas dos Mebêngôkre). Características suficientes para seu grupo estimá-lo como um chefe, a serviço da sociedade, munido de seus dons oratórios, habilidade com a caça e capacidades de coordenar as atividades guerreiras (CLASTRES, 1973: 219).

Por este ponto de vista, os processos ditados pelo cacique necessitavam de métodos e, principalmente, uma prática conquistada por meio da repetição, mas dispensavam desenhos e fitas métricas pertinentes aos padrões urbanos de projeto. A experiência assumia o papel do desenho, evidenciando a nítida separação de linguagens e técnicas pertinentes ao desenvolvimento de suas respectivas construções. O construir e o fazer de suas habitações se revelavam desta forma como intrínsecos às experiências e à construção das relações da vida na aldeia, decifrando pouco a pouco o que poderia ser compreendido enquanto o “projeto” do *kikré*. Pois, se não há

uma palavra equivalente a "projeto" na língua nativa, algo que define respectivamente o que academicamente a arquitetura estabelece enquanto prática projetual, não podemos dispensar a possibilidade de refletirmos sobre este pensamento de visualização e planejamento na cultura mebêngôkre.

### **3.Processos que tecem corpos**

No debate sobre arquitetura, Giulio Carlo Argan, um dos importantes arquitetos que travam o debate sobre o "projeto" e o "projetar", define: "O projeto é, no sentido mais atual e preciso do termo, estrutura" (2000: 51). Segundo o autor, o projeto exprime a virtualidade da condição presente, as possibilidades que lhe são aplicadas, sendo inerente também aquela que se assume como estrutura da sociedade. Seria assim em suas palavras um "diagrama de seu devir histórico" (2000: 51) apostando, enquanto metodologia, uma análise estruturalista. Em tal argumento, relaciona a estrutura ao plano e à capacidade de vislumbrar a materialização do objeto no futuro, sendo ele um edifício ou objeto. O "plano" é desta maneira como o eixo central deste pensamento, envolvendo em seu processo medições necessárias, cálculos e desenhos em escala para alcançar a representação de algo que, segundo o autor, já é o próprio edifício. Uma imagem feita visando uma execução técnica, sendo uma prática racional controlada.

No entanto, para complicar a densa teia de relações e compreensões do conceito do "projeto" em nossa sociedade eurocêntrica, Argan (1993) em outro momento afirma "o projeto não é algo que se saiba, que se imponha: o projeto é um projetar contínuo; não é possível conceber a ideia de um projeto que seja como uma espécie de gravura de cobre, sobre a qual pode-se imprimir uma folha de papel da qual se obtém uma imagem. O projeto é um projetar contínuo, é exercer sempre uma crítica sobre a existência, e supor qualquer coisa de diferente e evidentemente melhor." (ARGAN, 1993:4). Nestas duas colocações, Argan tece uma concepção racional e intencional sobre o projeto, reivindicando a arquitetura enquanto um ato lógico e calculado que também está sobre efeito do tempo e de sua temporalidade no espaço.

Em uma linha fenomenológica, Christian Norberg-Schultz (1976), por sua vez, reitera a ideia de lugar como fundante da compreensão da

arquitetura enquanto prática, e, a partir da leitura de Heidegger, identifica o elemento "fronteira" como o primeiro ato arquitetônico do ser humano, pois modifica a paisagem, criando uma nova sugestão espacial, dando a ver um lugar e suas possibilidades estruturais.

(...) contudo, o caráter do lugar depende *de como as coisas são feitas* e, é por isso mesmo, determinado pela realização técnica (a "construção"). Heidegger observa que a palavra grega *téchne* significava uma "re-velação" criativa (*Entbergen*) da verdade e pertencia à *poiésis*, isto é, ao "fazer" (NOBERG-SCHULTZ, 1976: 452).

Nestes dois pontos de vista, há algo que se cruza e algo que se distancia de antemão, o planejar e o fazer, ou ainda o visualizar e o re-velar algo através de uma ação. Uma sutil diferença que me leva a pensar sobre o que é acionado enquanto processo. Pensa-se fazendo ou faz-se pensando? Existe uma ordem que pode ser identificada? Tal debate talvez não caiba neste trabalho por adentrar questionamentos arquitetônicos teóricos que pisem no terreno conceitual do "tipo" e "modelo", me afastando do objetivo de compreender as casas mebêngôkre através de suas próprias práticas, lançando-me para questionamentos sobre este processo de acordo com suas noções.

E, nesta direção, a extrema dificuldade da tarefa de tradução exaltava a impossibilidade de um acesso direto a seus "projetos", por ser exatamente esta palavra incompatível no vocabulário local. Pois a questão que nunca era respondida permanecia sendo: "como se traduz projeto em sua língua?". No entanto, a reflexão de Noberg-Schultz me leva a encontrar um caminho, e talvez um motivo, para a tradução ser inexistente, pois a pergunta acabava se transformando em "como vocês falam que vão iniciar uma casa?" e só assim surgiu um tipo de resposta. O termo "*pej kikré*", sendo traduzido como "fazer casa", construí-la, seu ato, ação. Tornava-se claro que em mebêngôkre a categoria "projeto" é inexistente por estes termos, mas se encaixava ao ato de fazer contido na palavra "*pej*" (fazer). O ato construtivo está ligado à ação, ao concreto e material, seu planejamento parece se iniciar ao traçar no chão, ao coletar as folhas, ao estar em ação realizando e a re-velando enquanto lugar.

Em "Concepto, contexto y contenido", Bernard Tshumi (2005) reitera a importância de existir um conceito para que haja arquitetura, e que,

não menos importante, o contexto propicie bases para que o conteúdo, funcional ou simbólico, possa ser atendido por meio de um projeto. Seria precipitado afirmar que a idealização ou a conceitualização, que perpassa o pensamento ocidental de projeto, residiria na categoria "*pej kikré*", pois a prática do fazer do *kikré* permeia a compreensão do território da aldeia com suas características físicas e imateriais: seus limites, recursos, caminhos, manejo, fauna, flora, relações, cosmologia e dinâmicas invisíveis (a nós). Ou seja, a casa *mebêngôkre* não pressupõe tais características como a conceitualização e a projeção de futuro, pois está calcada no *fazer*, entrelaçado ao cotidiano e ao tempo presente. Suas casas são feitas e refeitas quando necessário, de acordo com o tempo de vida dos materiais. O contexto, por sua vez, diferente da concepção ocidental, não se distancia da fabricação da casa, pois está presente em todas as esferas da vida da aldeia, sendo ele eminente em todo o processo.

Sendo assim, o fazer, referido acima, aparece como ponte conectora das intenções observadas neste canteiro, porém, de um lado, observamos a equipe de bioconstrução ciente de uma realização de um projeto, seguindo um planejamento estruturado racionalmente representado nos rascunhos, e, do outro, encontramos o fazer da casa segundo os *Mebêngôkre*, de forma "bela e correta", adentrando em camadas mais profundas de um saber já percorrido por seus corpos.

Em "*The four elements of Architecture*", Gottfried Semper (1851) identifica os elementos fundamentais da arquitetura, destacando a lareira, o telhado, a plataforma/base e o envoltório. Em um confronto teórico com a tradição vitruviana, busca os princípios criativos do ambiente a partir de um olhar dedicado aos fatores que impulsionam a criação, elencando as técnicas pelas quais tais elementos estariam atrelados: cerâmica à lareira, estereotomia (construção em pedras) à plataforma, tectônica ao telhado, e a arte têxtil ao envoltório. Os invólucros têxteis, fabricados a partir do *nó*, são identificados por Semper (1851) como a parte mais relevante do ato de construir e pensar o abrigo pois define a casa, limita e separa o interior de seu exterior sendo prioritariamente realizados a partir do enlaçamento de fibras.

A partir destes elementos, exalta como fundamental para uma situação de arquitetura a *fogueira*. O fogo seria o responsável por instigar o grupo a construir algo que proteja, mantenha e resguarde-o, acesso. Todos os elementos, portanto, se arranjarão de acordo com este elemento

principal: a lareira. Ao redor do fogo os primeiros grupos se reuniram e as primeiras alianças foram formadas.

Vinculado ao poder de transformação de suas fontes de energia, temperatura e nutrição, curiosamente o fogo está presente tanto de forma física em seus espaços quanto nas duas terminologias utilizadas para morada aqui investigadas. Para a cultura mebêngôkre: *kikré*, *ki* significa fogo, e atua como sujeito deste lugar na tradução literal: “o buraco do fogo”. E, em nossa língua, o equivalente à casa, “lar”, possui a semântica vinculada à “lareira”. Apesar deste ponto aparentemente comum entre os dois conceitos de habitação, ressalto a diferença existente na materialidade do cultivo deste elemento atrelada a cada modo de vida e sociedade, ou seja, em suas formas distintas de operar este fogo dentro de suas casas. Enquanto no *kikré* mebêngôkre podemos observar gravetos, pedras empilhadas, torrões em brasa e a mobilidade desta pequena fogueira dentro das moradias, no “lar” ocidental temos uma pedra sólida, rígida e pesada que estabiliza o lugar do fogo, a qual a própria terminologia faz referência.

Assim, enquanto no primeiro temos estruturas efêmeras, no segundo transparecem aspectos permanentes, nos levando a refletir sobre as relações existentes entre o cultivo deste fogo e as estruturas de suas habitações, abrindo espaço para a observação destas formas de habitar e seus próprios invólucros, de acordo com seus modos de operar em cada sociedade e de como eles conformam as noções de casa, materiais propícios e técnicas que acompanham o intuito criativo de cada cultura.

Refletir sobre as construções indígenas utilizando autores contemporâneos e clássicos da arquitetura pode parecer ousado, ou ao menos desencaixado, mas minha intenção com isso é reafirmar estes “outros” enquanto contemporâneos à nós, em uma aproximação teórica destas as convocando para um diálogo sobre *modus operandis* de pensar o habitar com a intenção de questionar desta forma a visão hegemônica da prática arquitetônica ao passo que se é negada a categoria “arquitetura” para estas muitas outras arquiteturas. Obviamente, não espero esgotar este assunto e nem dar uma solução brilhante, mas provocá-lo, possibilitando outras reflexões por meio da aproximação do *kikré*. É neste sentido que a noção de *menor* de Deleuze e Guattari (1978) emerge como uma possibilidade ao ser deslocada para a arquitetura mebêngôkre. *Menor*, assim como os autores ativam este conceito, é empregue como característica de um tipo de literatura insurgente, subdesenvolvida, popular e por isso regida por três principais características: a desterritorialização da língua, a ligação



do individual no imediato-político, e o agenciamento coletivo de enunciação (1978:39). Sendo características que falam de um lugar, representam uma minoria, e são assim enquanto expressão e existência "fazeres políticos", são produções que falam e reiteram outros mundos arquitetados por outros corpos.

Saberes territorializados, porém desterritorializados ao serem encaixados nestas grandes caixas das práticas ocidentais. Questões que reverberam talvez a potência de encararmos estas outras arquiteturas como arquiteturas *menores* sob a potência do que este adjetivo pode adicionar à leitura de seus projetos. Reivindicando uma prática e um fazer próprio e, ao mesmo tempo, reitera de uma outra forma a reflexão sobre tradição e ciência já tão desgastada.

Baseada em Lévi-Strauss (1962), Manuela Carneiro da Cunha argumenta que enquanto a ciência moderna hegemônica se utiliza de conceitos, a ciência "tradicional" faz uso de percepções (CARNEIRO DA CUNHA, 2001:79), o que possibilita uma leitura das duas maneiras de fazer casas enquanto métodos de construção submetidos a diferentes ciências, em que podemos compreender a disputa e os sistemas em operação. Os modos projetuais do *Engenheiro e do Bricoleur*, e a lógica do conceito em contraste com a das qualidades sensíveis, permitem identificar as diferenças projetuais, tanto quanto as distâncias e as proximidades de cada um, de acordo com o contexto ao qual se vinculam.

Neste sentido, a extensão da figura do cacique para além de um construtor de *kikrés* torna-se fundamental para a observação, pois enquanto chefe ele tinha a preocupação de repassar aos mais novos o jeito com que os antigos faziam, e como ele achava que deviam continuar fazendo. Assim, ele inspirava um estado constante de sociabilidade por meio de seus fazeres, ressaltando as principais características presentes nesta cultura: a repetição, os ritmos, os padrões, o fazer e o refazer constante das práticas manuais que se estendem desde seus cestos, paredes, telhados e ferramentas até os grafismos corporais. Tais reflexões acentuam a necessidade de uma aproximação em busca de um modo investigativo ao ato de criação inerente a seus processos cotidianos manuais, a quais formulações de Tim Ingold podem iluminar caminhos interessantes.

Artistas - assim como também artesãos - são peregrinos itinerantes. Eles fazem o seu caminho através da paisagem-da-tarefa (INGOLD, 2000<sup>a</sup>: 194-200), como o fazem caminhantes pela paisagem,



produzindo seu trabalho à medida que prosseguem com suas próprias vidas. É neste movimento mesmo para a frente que a criatividade do trabalho deve ser encontrada. Ler a criatividade "para frente" implica um foco não na abdução, mas na improvisação (INGOLD & HALLAM, 2007: 03). Improvisar é seguir os caminhos do mundo na medida em que se abrem, ao invés de recuperar a cadeia de conexões, desde um ponto-final para um ponto de partida, em uma rota já percorrida (INGOLD, 2015: 309).

A "paisagem-da-tarefa" percorre o caminho para além da necessidade. O improvisar ou lidar com o que está ao alcance é realizar as coisas por meio das coisas e, assim como Ingold propõe, *com* as coisas. A partir deste olhar, vislumbro suas casas como resultados de intensos processos *com* as intempéries do espaço, da mata, dos tamanhos de madeiras, troncos e ferramentas disponíveis que, de forma recíproca, constroem seus habitantes. Clareando a relação de entrelaçamento entre os corpos e o ambiente, pois esta arquitetura diz respeito a uma construção que ultrapassa um lugar de morada, ela permeia a própria construção destes corpos e pessoas.

#### 4. Invólucros

Ao compreender que o esforço de aproximar estas duas práticas construtivas e seus pensamentos em torno do aspecto de projeto possa gerar questões dicotômicas – por estarmos lidando com percepções cosmológicas *mebêngôkre* e conceitos próprios da sociedade não-indígena ocidental – recorro a particularidades e a processos inerentes a esta etnia em busca de uma reflexão através de um emaranhado mais profundo entre processos e corpos.

Muitos antropólogos como Lux Vidal, André Demarchi, Els Lagrou, entre outros, ao explorarem o universo das pinturas corporais, atribuem aos grafismos uma relação direta de construção dos corpos ameríndios por trançarem cosmologia e matéria a partir do lento e periódico processo de construção, reconstrução e sobreposição de camadas seguindo métricas e padrões que simbolizam intenções de ajuste e proteção. Sendo assim, o objetivo aqui é uma aproximação da arquitetura e do *fazer mebêngôkre*, inscritos na fabricação de suas casas como uma linha condutora e

articuladora entre as suas atividades manuais criativas e seus corpos. Pois peles, envoltórios, cascas, fronteiras e limites de corpos são superfícies que estão em constante evidência entre estes indivíduos por estarem em constante manipulação sob intencionalidades transformadoras. Assim, por meio desta perspectiva mútua de agenciamento entre matéria e corpos, busco uma compreensão destas camadas e invólucros de corpos que auxiliem um acesso sensível a suas moradas.

Os grafismos para os Mebêngôkre agem na matéria dos corpos os endurecendo, fortificando, protegendo ou tornando-os mais suscetíveis às ações dos rituais por reconfigurar a fronteira do corpo com o mundo. São assim considerados como uma outra pele, fabricada na maioria das vezes no interior de seus *kikrés*, por meio de mãos habilidosas e suaves que manipulam os finos gravetos utilizados como instrumento de pintura.

A pintura corporal, como enfatiza Lux Vidal, deve ser considerada como uma prática em si, um meio de integração, socialização e uma maneira de a cada momento construir e reproduzir os princípios básicos da sociedade Kayapó (VIDAL, 1977: 146). No interior de seus *kikrés*, as mães realizam o sutil gestual de desvelar e revelar partes da pele e do corpo nu de seus filhos e parentes, de forma intercalada e precisa, com a intenção de negociar o interior e o exterior, em que não apenas elas se pintam reciprocamente, mas, também, compartilham saberes inerentes a esses atos.

De forma alinhada com o que Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro (1979) observam sobre a construção de pessoas nas sociedades ameríndias, a pintura, especialmente a de jenipapo com intenções de cura e ajuste, por algumas vezes está relacionada ao resguardo em seus *kikrés* por períodos determinados, enquanto, por outras, o resguardo necessariamente deve ser feito com o corpo nu, sem grafismos e protegido apenas pelo invólucro de suas moradas. A partir desta perspectiva, pode-se identificar dois aspectos que vinculam os grafismos corporais, enquanto fronteiras, camadas, membranas, segunda pele, a seus *kikrés*: por um lado, a intenção de proteger e, por outro, a relação existente entre estas duas superfícies, ambas tramadas, entrelaçadas e preparadas por seus parentes com a intenção de produzir corpos belos.

Por vezes juntos, grafismo e *kikré* agem para a cura e fortalecimento de corpos convalescidos e, por outras, podem ser considerados como aspectos de proteção “equivalentes” por se alternarem em tal função relacional entre corpos e espaços. André Demarchi, baseado em Caiuby Novaes (2006) e Taussig (1999), sustenta que a pintura corporal atua na

reconstituição desta fronteira que é a pele, destacando a agência dos grafismos em sua produção e transformação ao longo da vida para que não fiquem mais "moles" ou "fracos" (*rerekre*) (DEMARCHI, 2013:251). Este processo é realizado na maior parte das vezes no interior de seus *kikrés* e por vezes em reuniões femininas no círculo periférico (atrás das casas) à sombra de árvores enquanto trocam fofocas.

As paredes de seus *kikrés* – por vezes de madeira, por vezes de pau-a-pique – são realizadas com a intenção de negociar a exposição de suas famílias à praça central e imprimem, através de seus materiais, outros padrões que recobrem não apenas um corpo, mas famílias, protegendo e desenhando através das sombras das frestas de luzes um só padrão sobre o chão, unificando o espaço interior e parentes que ali estejam. Age como uma outra membrana ou pele, coletiva e sobreposta às demais, realizando a fronteira que delimita o fora e o dentro das moradas. Um aspecto também relacionado à manutenção e proteção do fogo interno das habitações.

Em um paralelo, Bourdieu (1999), define a lareira da casa *Kabyle* enquanto um umbigo da casa, sendo a própria casa um ventre feminino. No extenso estudo sobre os Mebêngôkre, a antropóloga Vanessa Lea, observa a casa mebêngôkre enquanto um útero, estendendo a noção de “sociedades de casas” de Lévi-Strauss para o que ela concebe enquanto “grupo de descendência uterina”:

Um Mebêngôkre pertence a uma Casa apenas se nasceu de uma mulher que é membro dela, ou se adotado por um membro da Casa. Nesse sentido, a matricasa se assemelha a um útero metafórico (embora os Mebêngôkre nunca usassem essa analogia explicitamente) (LEA, 2012:133).

Ao pensarmos em superar a ideia de metáfora nesta reflexão, podemos lançar mão dos parâmetros deste espaço segundo a própria autora: "um lugar de tempo, espaço e matéria que, assim como o útero, está relacionado à fabricação e à gestação de seus ocupantes a partir de processos além dos biológicos, incluindo assim os processos sociais e ritualísticos." (LEA, 2012:45). Seguindo este raciocínio os corpos são gerados dentro de suas casas, fabricados também a partir deste outro invólucro vegetal tramado. A característica de gestação atrelada à casa pela ideia de útero pode ser assim compreendida além do processo de habitar a direcionando ao próprio processo de construí-la pois suas etapas evidenciam relações de

construção das próprias pessoas. Ou seja, os processos de gestação e construção são análogos a partir da perspectiva de fabricação de corpos. A força da imagem do útero, atrela a este ambiente aspectos relacionados ao espaço e sua materialidade, paralelos a sua função cosmológica e simbólica. É assim o lugar onde ocorrem as grandes transformações naturais como o envelhecimento, a reprodução e a transformação dos alimentos crus em cozidos (NOVAES, 1983:69), todas compartilhadas entre seus parentes e vivenciadas sob a mesma cobertura, trançada por seus próprios residentes.

Esta reflexão sobre a simetria de peles, corpos e casas, sequencialmente, propiciam um caminho da busca pela compreensão desta casa, e destas arquiteturas, ou do que seria um possível pensamento de planejamento e execução deste espaço de habitar. Pois, tais superfícies de materiais distintos, somadas desenham as diversas dimensões do povo Mebêngôkre e separadas englobam universos complexos inteiros, relacionados à propagação de suas práticas e valores.

A construção de um *kikré* é, por este viés, a criação de um lugar que simboliza e contém a construção não só de um habitat mas de pessoas a se autoconstruírem em etapas de convivência e observação, que, assim como seus artefatos e corpos, está inserida em uma categoria de construção estética que necessariamente dialoga suas práticas em seus mundos. Como Lagrou (2009) afirma, a estética é uma forma de conhecimento e, entre os ameríndios, está intrinsecamente relacionada a um modo de viver e produzir a existência, e, portanto, fundamental de ser percebida em sua totalidade para a compreensão deste microcosmos que habitam.

## 5. Considerações finais

A experiência construtiva em Kawatum teve sua conclusão no tempo previsto, no entanto com muitos eventos imprevistos. A intenção de ensiná-los o pau-a-pique, como já se enunciava, não foi bem-sucedida. Ao contrário da visão do instrutor, os Mebêngôkre são exímios praticantes desta técnica, e ao perceberem que estávamos demorando demais para erguer as duas paredes da fachada tomaram a frente do processo e finalizaram a casa seguindo seus próprios métodos construtivos. Demonstraram em dois dias como realizar uma trama dupla, firme e bem padronizada para as paredes de pau-a-pique "tradicional" mebêngôkre. Alguns outros impasses deste processo coletivo delataram a subestimação

das práticas locais e de suas percepções cosmoespaciais, como a discussão sobre a colocação de janelas a fachada. Uma sugestão da equipe não-indígena que teve como resposta prática do cacique a construção de uma "trama" (espécie de leque) restabelecendo as paredes enquanto fronteiras do ambiente particular das casas, livre dos olhares de estranhos.

As respostas ativas dos Mebêngôkre não só reiteraram para mim a determinação e a força desta cultura em seus métodos construtivos, mas como também abriram espaço para uma reflexão da casa Kayapó, o *kikré*, enquanto um organismo vivo em eterna manutenção e relação com estes corpos, uma *outra pele*, tecida e compartilhada por todos desde o momento de sua fabricação até sua vida útil na aldeia.

Sendo propriamente um meio de produção, desta forma, o projeto como processo nos obriga a pensar a questão do corpo em ação, presente na fabricação de um espaço e no seu uso no sentido de decifrar uma arquitetura pelo corpo, enxergar a experiência do construir registrada em seus próprios. Um projeto "incorporado" em seus meios de existir e de fabricar que possibilita a retomada de uma reflexão sobre estas outras arquiteturas existentes que resistem em nosso território como potências múltiplas de outros. Assim, tentei realizar a leitura do *kikré* mebêngôkre por meio de um olhar para os fazeres e para os conceitos desta cultura que reivindica ao olhar do arquiteto e dos indivíduos não-indígenas a leitura destes corpos: corpos *mej* – corpos belos, reiterando a relevância da cosmologia de um povo, de seus corpos e imaginário para o acesso a sua arquitetura.

## Referências

- ARGAN, GIULIO CARLO. *A História na Metodologia do Projeto*. In: Revista Caramelo, São Paulo, nº 6, p; 156-170, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Projeto e destino*. In: Coleção Temas, volume 71. São Paulo, Ática, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Tipologia em Arquitetura*. In: NESBITT, Kate (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 267-273.
- CAIUBY NOVAES, SYLVIA. *As casas na organização social do espaço*. In: CAIUBY NOVAES, Sylvia. p.77-101 org. São Paulo: Nobel / EDUSP, 1983.
- CARSTEN, JANET; HUGH-JONES, STEPHEN (eds.). *About the House: Lévi- Strauss and Beyond*. In: Cambridge University Press. Cambridge, 1995.

CLASTRES, PIERRE. **A sociedade contra o Estado**. In: Editora Cosac Naify. São Paulo, 2014.

COHN, CLARICE. **Culturas em transformação: os índios e a civilização**. In: São Paulo em Perspectiva, v. 15, n. 2, p. 36-42. São Paulo: abr./jun, 2001.

\_\_\_\_\_. **A tradução de cultura: os Mebengokre-Xikrin**. Paper preparado para a 26a Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, jun. 2008.

CUNHA, MANUELA. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. In: REVISTA USP, n.75, p. 76-84. São Paulo, 2007.

DA MATTA, R.; SEEGER, A. ; VIVEIROS DE CASTRO, E. **A noção de pessoa nas sociedades indígenas brasileiras** In: Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. (J. Pacheco de Oliveira Filho, Org.), UFRJ. Rio de Janeiro: 1987

DEMARCHI, ANDRÉ. **Figurar e desfigurar o corpo: peles, tintas e grafismo entre os Mebêngôkre (Kayapó)**. p. 25-66. In: Severi, Carlo; Lagrou, Els, orgs. **Quimeras em diálogo: Grafismo e figuração na arte indígena**. (ed.) 7Letras. Rio de Janeiro, 2013.

INGOLD, TIM. **Making: anthropology, archeology, art and architecture**. London and New York: Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description**. London and New York: Routledge, 2011.

LAGROU, ELS (ORG.S). **Quimeras em diálogo: Grafismo e figuração na arte indígena**. (ed.) 7 Letras. Rio de Janeiro, 2013.

LEA, VANESSA. **Nomes e nekrets Kayapó: uma concepção de riqueza**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_. **Riquezas Intangíveis de Pessoas Partíveis: os Mêbêngôkre (kayapó) do Brasil Central**. Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp. São Paulo, 2012

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. **A noção de casa**. In: \_\_\_\_\_. **Minhas palavras**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **A ciência do concreto**. In: *O pensamento selvagem*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1973.

NONBERG-SCHULZ, CRISTIAN. **O Fenômeno do Lugar**. In: Nesbitt, Kate, org. (1965-1995). Ed. Cosac & Naify. p. 267-273. São Paulo: 2008.

SEMPER, GOTTFRIED. **The Four Elements of Architecture: a Contribution to the Comparative Study of Architecture.** In: Cambriggde University Press. Cambriggde, 1851.

VIDAL, LUX. **O espaço habitado entre os Kayapó-Xikrin (Jê) e os Parakanã (Tupi), do médio Tocantins, Pará.** In: Novaes, Sylvia Caiuby. org. p.77-101. São Paulo: Nobel / EDUSP, 1983.

\_\_\_\_\_. **Grafismo indígena.** São Paulo: Nobel / EDUSP, 1992.

**Como citar**

Sá EARP, Julia; BETIM, Fernando. **Processos que tecem corpos: a relação entre corpos e casas entre os Mebêngôkre**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 12 Número 1 Julho 2019. pp. 48-72. Disponível em: [http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign]

---

**DOI: 10.12957/arcosdesign.2019.47523**

---



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.